

Passa por cima de seus concorrentes: Despache sua carga via VASP.

MÁRIO PEDROSA A ARTE ESTÁ EM DECADÊNCIA MAS OS SINDICATOS ESTÃO VIVOS

Entrevista a Cicero Sandroni

Em 1970, Mário Pedrosa asilou-se na Embaixada do Chile no Rio de Janeiro. Imediatamente The New York Times Book Review publicou uma carta aberta de mais de 100 personalidades internacionais, responsabilizando o Governo brasileiro pela integridade física do crítico e escritor. "Nós, os intelectuais e artistas que assinamos esta carta, recebemos com indignação e apreensão a notícia da ordem de prisão expedida pelo Governo brasileiro contra o escritor e crítico Mário Pedrosa" — dizia a carta em seu primeiro parágrafo. E logo após o último, nomes como os de Alexander Calder, Picasso, Henry Moore e Max Bill.

A apreensão de artistas e intelectuais de todo o mundo era justificada: aos 70 anos, ameaçado de ser preso, Mário partiu para o exterior. Passou sete anos no exílio, trabalhando na organização de museus, na produção de livros, dando aulas e conferências. Hoje, de volta ao seu apartamento de Ipanema, prossegue em incessante atividade intelectual. As vésperas de completar 78 anos, e enquanto sua mulher, Mary, mergulha na tradução do Finnegan's Wake, de Joyce, e em estudos joyceanos, Mário lê, estuda e escreve de 10 a 12 horas por dia.

Para a conversa entre amigos, senta-se à sala, na cadeira de balanço. Gestos largos de um maestro de cabeleira branca, o principal divulgador da arte moderna no Brasil, estudioso que passou mais de meio século investigando todos os problemas ligados às artes plásticas e visuais, tem hoje uma visão insólita do que está acontecendo com a arte.

— Diante de conflitos tão radicais e terríveis no mundo de hoje, é natural que a gente considere a arte um assunto secundário. A arte está em decadência, e eu diria mesmo que está no fim, se é que ela pode acabar. Mas a arte não acaba. Condenados a morrer, nos próximos anos, estão milhões de homens que passam fome no Terceiro Mundo, assim como os nossos índios estão condenados a desaparecer, assassinados pela civilização do branco.

Mário acha que há uma revolução a se fazer no Terceiro Mundo, e será sem dúvida a mais radical jamais tentada pelo homem". No Brasil, em particular, ele constata a existência de algo novo: a emergência de um movimento sindical "organizado por lideranças que se conduzem com prudência, sabedoria e grande capacidade tática".

A PESAR da idade, ele tem o ímpeto intelectual de um jovem. "Dizem que sou visionário. Sou mesmo. Nas épocas de crise é preciso ser visionário". Mário Pedrosa fala quase sem parar. Vai emendando os assuntos e sua excelente memória extrai lições dos fatos passados e vividos, ao compará-los com o que acontece no presente.

— Voltei ao Brasil no dia 8 de outubro de 1977, e já que você pergunta como estou vendo o país, hoje, lembro-me de outra data, o 7 de outubro de 1934, quando uma frente única, da qual eu participava ativamente, desbaratou manifestação integralista na Praça da Sé, em São Paulo. Os fascistas estavam comemorando a vitória de Hitler na Alemanha e nós os combatíamos numa frente de esquerda, formada pelo Partido trotskista, então conhecido como Liga Comunista Internacionalista, o Partido Socialista e a Federação dos Sindicatos, criada logo após a aprovação da lei nova do trabalho, de autoria do então Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor. A lei era inspirada na *Carta del Lavoro*, de Mussolini, e tinha nitida inspiração fascista. Os sindicatos ficaram dependentes do Estado.

E a esquerda apoiava a formação desses sindicatos?

— Nós, da esquerda, queríamos sindicatos livres da tutela do Estado e combatíamos a nova lei. Mas não há dúvida de que existia um ponto positivo: ela garantia os sindicatos contra invasões policiais, frequentes e comuns, na época. Lembro-me de que em 1932 eu estava na prisão e encontrei-me com líderes operários do interior. Todos diziam que a nova lei era fascista, mas no interior, se os sindicatos não recebessem as garantias que ela oferecia, não teriam condições de sobrevivência. E o próprio fato de estarem ali, na prisão, era uma prova do que diziam. Então passamos a apoiar as leis que o Governo oferecia. Na esquerda, só os anarquistas permaneceram contra. Eles tinham influência sobre alguns pequenos sindicatos de artesãos e desejavam mantê-los isolados do Governo.

Os operários que dirigiam esses sindicatos, eram líderes autênticos?

— Primeiro é preciso ressaltar que os sindicatos novos não tinham pelegos, figuras que viriam a aparecer bem mais tarde. Seus diretores eram trabalhadores jovens, combativos. Logo se organizou uma Federação de Sindicatos de São Paulo que se instalou

no edifício Santa Helena, na Praça da Sé. Cada sindicato tinha uma seção integrada por jornalistas. Eu era o jornalista da União dos Trabalhadores Gráficos e fui indicado representante da UTG na Federação. Então formamos a Frente Única contra o fascismo, da qual só o Partido Comunista se recusou a participar. A luta foi dura. Fundamos um jornal, *O Homem Livre*, abertamente antifascista. Eu tinha lutado nas ruas de Berlim contra os nazistas e portanto tinha boa experiência. Traduzi artigos de Trotsky sobre a situação na Alemanha ameaçada pelo nazismo, quando ele pediu a formação da frente única das esquerdas contra Hitler. Os artigos foram publicados no livro *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*, reeditado recentemente.

E o que aconteceu com o movimento sindicalista?

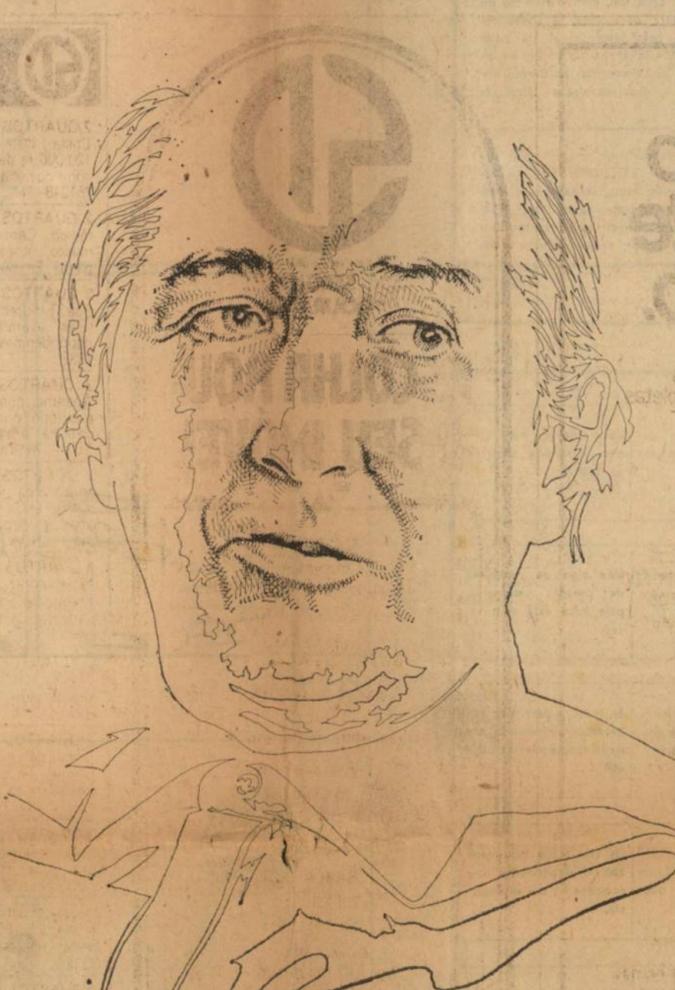
— O movimento se fortalecia, mas em 1935 vários líderes foram presos, apesar das garantias da lei. Os cárceres de Fernando de Noronha e outras prisões ficaram lotados de operários, houve muita tortura. E em 1937, com o Estado Novo, o autêntico sindicalismo brasileiro foi em grande parte liquidado.

E hoje, o que há de novo no Brasil?

— O que vejo de novo é esse movimento de greves em São Paulo, organizado por lideranças que se conduzem com prudência, sabedoria e grande capacidade tática, a tal ponto que recebem até o apoio e a compreensão de alguns empresários. Senti nesse movimento um grande progresso, uma evolução positiva. Creio que essa nova geração de líderes sindicais brasileiros atua com a mesma capacidade, consciência e sentido de responsabilidade das lideranças sindicais de países que têm grande tradição nesse campo.

Não obstante, as atuais leis trabalhistas e sindicais não permitem grande capacidade de manobra aos sindicatos...

— Sim, mas é preciso notar o seguinte: quando as leis de Collor organizando os sindicatos foram adotadas, o trabalho de organização foi feito apesar de todas as limitações. As lideranças encontraram no seio do movimento operário força suficiente para agir com vigor. A luta, a discussão, a reivindicação é essencial ao movimento operário. E agora a situação é a mesma. Com todo o aparato da repressão legal, os operários souberam impor-se. Apesar de declarada



Retrato - 7/6

ilegal, a greve aconteceu e atingiu seus objetivos. E não provocou uma decisão de força, para castigar o movimento operário. Por sinal, isso é uma das poucas provas de que a abertura política existe, de fato.

Na sua opinião o Governo continua encontrar entre os operários lideranças tão maduras?

— O Governo não esperava que eles estivessem tão conscientes de seu papel e de sua missão. Os líderes sindicais agiram com sabedoria, prudência. Os sindicatos não se envolveram diretamente na greve.

Além da evolução dos sindicatos, o que considera importante no Brasil de hoje?

— Vivemos um momento crucial da crise militar que está aí e sempre esteve, desde quando as Forças Armadas assumiram o Poder no Brasil. Os militares tomaram as rédeas do país, fizeram reformas, algumas até interessantes, mas controlaram o Poder de tal forma como jamais aconteceu em toda a História do Brasil. Qualquer pessoa que tenha sensibilidade política está vendo que a solução da crise é fundamental para a adoção de uma nova responsabilidade democrática. Mas nada funcionará sem que a crise militar se resolva dentro dela mesma.

Poderia explicar melhor?

— Está claro, é evidente que existe hoje no Brasil uma contradição fundamental entre o poder que os militares têm o povo. Então existe uma crise, que não se resolve facilmente. Não acredito que a tentativa do Presidente da República no sentido de abertura gradual seja o caminho certo

de figura. Porque a candidatura Euler surge dos quartéis, surge das próprias Forças Armadas. O passado de Euler é sério, limpo e correto, como o de Eduardo Gomes, em 1945. É indisputável que a candidatura Figueiredo descontentou parte do Exército. Então e natural que o nome do General Euler tenha sido lembrado para cumprir a tarefa histórica de reconduzir as Forças Armadas ao seu natural leito histórico.

Qual o papel que as Forças Armadas deveriam desempenhar dentro da sociedade brasileira?

— O Exército brasileiro firmou-se com a Independência, quando expulsamos as últimas tropas portuguesas. Mais tarde, na guerra do Paraguai, revelaram-se oficiais de primeira ordem e destacou-se a figura de Caxias, que politicamente era conservador, mas tinha como meta a conciliação nacional. O Exército cresceu, criou-se um conflito entre os oficiais que voltavam da campanha do Paraguai e a Corte, surgiram a Questão Militar e a República. Não existiam condições para que a Monarquia se reconciliasse com o Exército. Para a Monarquia, o Exército deveria conformar-se com a situação de guarda pretoriana da Corte. É evidente que essa não era a função do Exército. Você pergunta sobre as missões das Forças Armadas. Respondo lembrando a figura extraordinária do Marechal Rondon. Ele vai para o interior do Brasil acompanhado por um grupo de oficiais abnegados, instala linhas telegráficas, estende linhas férreas e em seguida realiza um extraordinário trabalho de pacificação dos índios. Com Rondon, o Exército tem um dos seus mais altos momentos. Não só pelo heroísmo, abnegação, sacrifício, mas pelo padrão moral do desempenho. Em muitos lugares os índios atacavam para matar e Rondon respondia com o lema que se tornou célebre: "Morrer se preciso for. Matar, nunca".

Vários oficiais do Exército se sacrificaram nessa luta em defesa do índio.

— Sim, basta lembrar que o então Tenente Horta Barbosa foi flechado no peito e não permitiu que seus soldados revidassem ao ataque. Recuou com seus homens, passou vários dias entre a vida e a morte, mas de suas armas não saiu um tiro. Outro tenente, um gaúcho valente, viu-se cercado com seus homens por um grupo de índios. O grupo defendeu-se como pôde, mas terminou massacrado, com os revólveres cheios de balas, intactos. Os oficiais que serviram com Rondon foram verdadeiros heróis. Quer outro exemplo de abnegação das Forças Armadas, outro momento importante da nossa história? O Correio Aéreo Nacional. O trabalho realizado por Eduardo Gomes e seus homens nessa missão pioneira foi inestimável. Considero pois que a ocupação do interior do Brasil, seja por terra, ou pelos rios, ou mesmo pelas rotas aéreas, é função importante e indeclinável das Forças Armadas.

Falamos em Rondon e nos índios. Parece que seu interesse, como pesquisador, desloca-se agora para os índios brasileiros.

— Durante o meu exílio em países da América, como o Chile e o Peru, fiquei impressionado com a força da presença do índio na cultura desses países, especialmente os da região amazônica. A Amazônia é a maior área do mundo em termos de homogeneidade ecológica. Passei a interessar-me pelo índio e comecei a entender melhor a América Latina. Aqui no Brasil vivemos debruçados sobre o Atlântico, com os olhos voltados para a Europa, de costas viradas para a América do Sul. Não podemos ignorar países vizinhos, grandes nações que têm o mesmo desenvolvimento cultural e econômico, e países por onde se estende a área amazônica. A Amazônia é a chave da união da América do Sul.

Mas qual o seu interesse, como

pensador político e crítico de arte, no índio sul-americano?

— É preciso não esquecer que o índio alcançou no Peru e no México altos estágios de civilização. E a arte moderna é, basicamente, uma consequência direta da influência que a arte dos povos primitivos despertou na Europa. Com a formação dos impérios coloniais na América, Ásia e África, vários viajantes levaram para a Europa um repertório de objetos que não era considerado "arte" pelos civilizados. Surgiram então os museus de arte primitiva, e as lojas de artigos exóticos onde se acumulavam a imagística e a iconografia dos povos "selvagens". Esse material chegou, nos fins do século XIX à atenção de artistas que no século XX fariam a grande revolução modernista. Da contemplação desse material surgiram as primeiras grandes obras dos mestres do modernismo, como Matisse, Picasso e outros. Eles foram os primeiros a reconhecer como arte a produção dos índios, dos negros africanos, de povos primitivos da Ásia, e nesse trabalho, que nada tinha com a "civilização" européia, encontraram a inspiração para o renascimento modernista. Isso aconteceu na Europa em vários lugares. Os expressionistas de Dresden; o escultor Moore, na Inglaterra, inspirado na arte azteca e mala. O cubismo não existiria sem a arte negra. Vários quadros de Picasso são nitidamente inspirados na arte africana.

E hoje, como está a arte moderna?

— A arte moderna, o modernismo, foi o mais importante movimento artístico da história do homem desde o Renascimento. Mas hoje estamos numa fase que poderia ser chamada de explosão final. Os artistas passaram a ver aquilo que os cerca não por sua beleza, mas sim como produtos da invenção industrial destinados ao consumo das massas. Até o movimento da *pop-art*, os artistas tinham noção de que iam inovando o enredo, a problemática da arte moderna, inspirados nas artes primitivas. Mas depois da *pop-art* surgiram várias expressões de artes plásticas que independem da tela, pincel, tinta. Hoje a arte é cada vez mais um produto da indústria e portanto do mercado.

E a arte no Brasil, hoje?

— Eu fui um dos arautos da arte moderna no Brasil e posso dizer que chegamos ao fim de um processo. Surgiram experiências novas, para além dos problemas puramente estéticos. É claro que não estamos no fim da arte. Arte é algo permanente, não acaba. Segundo alguns teóricos, a arte é o quarto reino da natureza. Mas o importante é a sua significação, o que se vai fazer dela. Não existem mais vanguardas. O que se pode dizer é que estamos em uma época de decadência, embora mesmo em épocas de decadência às vezes surgiram grandes obras de arte.

E qual a importância da arte neste momento?

— Hoje a arte não tem a mesma importância que tinha há 50 anos. Basta comparar uma exposição de quadros com o que se passa numa sala de cinema ou num campo de esportes. Ninguém se interessa mais por arte. A arte não irradia mais influência, não desperta mais atenção. Tudo tende a repetir-se. E a confusão é maior com o problema da criação manual e a mecânica: a fotografia, o vídeo-tape estão aí.

Então há uma certa confusão, uma crise geral?

— Hoje há uma fusão cada vez maior entre as informações que recebemos em catadupa e as noções conceituais que aprendemos e guardamos para toda a vida. O homem vive um momento de transição, de mudança. Estamos numa época de crise profunda, uma crise que é mais aguda no Terceiro Mundo, onde bilhões de homens estão condenados a morrer de fome, como os nossos índios estão condenados a desaparecer, aniquilados pelo branco. Diante de conflitos tão radicais, terríveis, insolúveis, é natural que a arte passe para um nível secundário.

Arquitetura e futebol: na arte, a catarse pessoal

Como é de conhecimento público, a Funarte lançou dois concursos nacionais de monografias sobre os temas "Arquitetura no Brasil" e "Patrimônio Histórico Brasileiro", que serão realizados anualmente, a partir de 1978. O Instituto de Arquitetos do Brasil, que sugeriu o concurso, e a Funarte, responsável pelos editais, entretanto decidiram restringir a participação a arquitetos, o que restringe bastante a promoção tirando-lhe seu "caráter público e generalizado". O crítico e historiador de arte Mário Barata, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, estranhando o fato, enviou ofício ao diretor executivo da Funarte, Dr. Roberto Parreiras, no qual afirma, entre outras coisas, o seguinte: "A atitude pouco compreensiva do Instituto dos Arquitetos do Brasil é tanto mais de estranhar-se, que muitos dos grandes historiadores dos citados campos de estudos, na área brasileira, não foram arquitetos. Basta exemplificar com os nomes de Rodrigo M. F. de Andrade — autor de livro sobre Monumentos Históricos do Brasil, publicado no México — German Bazin e Robert C. Smith. No âmbito de Portugal bastaria citar o de Mário T. Chicó. Passando ao plano internacional, não me consta que especialistas tão importantes como Nikolaus Pevsner e George Kubler tenham tido o curso de arquitetura". No mesmo ofício, Mário Barata solicita a modificação dos termos dos Editais já publicados.

Encontra-se no Rio o crítico Márcio Sampaio mantendo contatos e tomando providências necessárias à realização de vários eventos, aqui e em seu Estado. Para a Funarte (projeto Arco-Iris) mostra de artistas mineiros da década de 70, a ser realizada mês próximo. Para o Festival de Inverno, em Ouro Preto, é seu propósito realizar um levantamento das repercussões da Antropofagia na arte brasileira — de Tarsila do Amaral a Glauco Rodrigues e Anna Bella Geiger. E levará à antiga capital uma exposição sobre a década de 70 organizada pelo Centro de Arte e Comunicação, de Buenos Aires, e reunindo trabalhos conceituais de importantes artistas latino-americanos, inclusive brasileiros. Finalmente, vários artistas irão prestar depoimentos sobre sua obra no mesmo Festival de Ouro Preto.

Rubens Gerchmann, diretor da Escola de Artes Visuais (Parque Lage) é o novo ganhador da Bolsa Guggenheim (1979). * * * Tiziana Bonazzola vai expor na Galeria Global, de São Paulo, uma série nova de desenhos e pinturas na qual geometriza a natureza e discute questões ecológicas. * * * A crítica paulista recebeu com muito entusiasmo a exposição retrospectiva de Joaquim Tenreiro, no Museu de Arte Moderna. Aplaudiu so-



Futebol, desenhos de Alvaro Apocalypse

bretudo a produção atual do artista, hoje septuagenário. * * * Aliás, com seus 81 anos, Alfredo Volpi continua cada vez melhor. Na mostra atual do Museu de Arte Moderna do Rio (geometria sensível) o "operário da arte" do bairro de Cambuci, em São Paulo, comparece com três magníficas pinturas: cores e matéria preciosas.

Do catálogo do "Salão do Futebol", que se realiza neste momento no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, em texto assinado por Márcio Sampaio: "Se de um lado, os meios de comunicação de massa estimulam esse clima de euforia, que propicia e depois im-

põe o consumo, multiplicando até as últimas conseqüências a geração de kitsches e gadgets — de que o futebol, no Brasil, é um dos melhores veículos de propaganda — por outro lado, ao tufão publicitário, o povo responde com a criação a um nível de expressão pura — se não anulando, pelo menos afrontando o dirigismo das grandes indústrias de produtos. Não há dúvida de que o futebol, como esporte de massa, com os seus apelos emocionais profundos, como agente de catarse coletiva, equilibrador do sentimento popular ante as frustrações diárias, estimula a criatividade do povo que faz da arte — neste caso — novo meio de operar sua catarse individual".